



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

VLADIMIR SACCHETTA

Hoje, 27 de agosto de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento de Vladimir Sacchetta para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais de seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner, e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

Ana Elisa Antunes Viviani: Vladimir, bom dia. Nós temos uma pergunta inicial relativa à origem familiar das pessoas, nossos entrevistados, e nós sabemos que você tem uma história familiar bastante rica. Eu gostaria que você contasse um pouquinho, então, sobre seus avós, seus pais...

Vladimir Sacchetta: Bom, vou começar bem do começo, lá das raízes dos Sacchettas. Avós: pelo lado paterno, meus avós são italianos: o avô, dos Abruzzos, a avó de Nápoles. Vêm pra cá, o avô chega aqui no final do século XIX, mil oitocentos e noventa e muitos, e desembarca no Rio como um jovem que – o Giovenetto, como está no passaporte, que é o Ítalo Sacchetta, que é o avô. Eles já são, já tem uma ligação com o anarquismo, então isso vai explicar a formação da família nesse campo ligado às lutas sociais, do princípio ao movimento anarcossindicalista, depois comunista, trotskista, e socialista. Do lado materno, a origem está no Ceará – Quixadá, tem uma ligação remota com a Rachel de Queiroz – e depois essa família, por conta da seca, vem descendo, passa pela Bahia – Salvador e Ilhéus – e em Ilhéus nasce minha mãe, que vai para o Rio e depois vem

para São Paulo. E em São Paulo ela conhece meu pai, Hermínio Sacchetta, e conhece o Hermínio no Partido Comunista, em 1934 para ser exato. Logo após a famosa Batalha da Praça da Sé, que aconteceu no dia sete de outubro de 1934, quando a Frente Única de Esquerda promoveu uma contramanifestação e um embate com os Integralistas. Minha mãe se liga ao meu pai – tinha 17 anos – foge com ele, cai na luta clandestina, vida clandestina. Os dois vão ser presos três anos mais tarde, em 1937. Ela sai – Eu quero ser breve... Eu vim para cá para falar da *Mário*, mas você puxou essas origens! – Então ela é solta, grávida; meu pai fica preso até o final dos anos 1930; 1939, para ser exato. Sai da cadeia e ele e vai dirigir os jornais das “Folhas”: *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*. E aí começa uma carreira de jornalista, vida legal; sem nunca, porém, ter abandonado a militância política. Ele pratica o jornalismo na grande imprensa, mas ao mesmo tempo está ligado a organizações, a essa altura já organizações de corte trotskista. Minha casa era frequentada por intelectuais, jornalistas, escritores; tinha uma roda muito grande, muito interessante, que me fascinava. Sempre teve uma grande biblioteca em casa, ou seja, meu contato com os livros vem, assim, da mais tenra infância, como se diz. O que vai explicar os caminhos que eu tomei.

AE: E onde vocês moravam, aqui em São Paulo?

VS: A gente morava na Barra Funda, Bixiga, e depois onde hoje... Perto do Shopping Iguatemi, na Rua Grécia, eu cresci lá. Os Jardins ainda não eram os Jardins, eram uma coisa mais... menos sofisticada. Não era a área da alta burguesia, era onde a classe média vivia.

AE: E as escolas em que você estudou? Como é que você circulava na cidade?

VS: Eu fiz uma parte do ginásio no Caetano de Campos. Eu me lembro que eu saía – eu tinha 11 anos – saía de ônibus elétrico, sozinho. A cidade era outra, né? Então eu tomava o ônibus no ponto final, que ficava na Gabriel Monteiro da Silva com o que viria a ser a Faria Lima, que era a Rua Iguatemi; e descia aqui na Augusta, e ia para o Caetano. Depois eu saí do Caetano, fui para o Porto Seguro, que ficava na



Praça Roosevelt, onde eu fiz um pedaço do ginásio e o colégio. Feito o colégio, eu fui para a São Francisco. Fiz o curso de Direito e, em seguida, coleí grau. Passei na São Francisco nos anos interessantes, os “anos de chumbo”, de 1971 a 1975 – eu sou da turma de 1975. E terminei o curso e, em vez de tomar o caminho da advocacia e fazer o exame da Ordem, eu fiz um teste na Abril, que estava contratando redações para fazer fascículos de livros.

AE: Então, seu trabalho na Abril Cultural...

VS: Pois é, eu saí da São Francisco em 1975 e em vez de fazer exame de Ordem eu fui fazer um teste na Abril. Eu entrei na Faculdade de Direito em 1971, saí em 1975, quando eu coleí grau. Foi um período rico, de grandes embates com a ditadura, com setores de direita da faculdade. Lá havia “esquerda-esquerda”, e “direita-direita”, era uma polarização ideológica muito... Embora o pátio das Arcadas fosse um espaço de convivência, a gente convivia bem até às vésperas da eleição para o XI de Agosto. Quando tinha eleição para o XI de Agosto, diferenciava, a direita ficava direita e a esquerda ficava esquerda e a gente partia inclusive para o choque físico.

AE: E você participou muito do movimento estudantil?

VS: Eu participei do XI. Do segundo ao quinto ano, eu estava ligado ao XI. Cheguei a ser representante dos alunos no Departamento de Direito Nacional; fui diretor cultural do XI, no último ano. Mas a gente estava lá todo dia... Montamos um plantão de busca a desaparecidos e a gente que sumia. Era um período difícil, a gente foi – governo Médici e Geisel – então a gente tinha muito assunto lá. E nós éramos uma cidadela gaulesa no centro da cidade, e cercados. A São Francisco era um símbolo, o território livre do Largo de São Francisco era muito... A polícia não entrava, então a gente podia fazer no XI coisas que não podiam ser feitas no *campus*...

AE: Lá no Butantã?



VS: No Butantã, porque o *campus* era mais sujeito à violência da repressão. Na São Francisco você tinha a Ordem dos Advogados e a própria escola era um símbolo de resistência, o XI de Agosto.

Bom, no começo de 1976 eu fiz esse teste na Abril e fui trabalhar com fascículos de livros, e fui trabalhar com a Elizabeth de Fiore, mulher do Ottaviano de Fiore, que também trabalhava lá. 1976, 1977... Em 1978 surgiu uma ideia de se fazer uma história visual do Brasil República, que se tornou o *Nosso Século*. E aí começa a minha ligação muito forte com a Mário de Andrade. A Mário de Andrade foi uma grande fonte de pesquisa. Eu era chefe de pesquisa dessa coleção e passava semanas e semanas na torre da Mário lendo as revistas, especialmente as revistas ilustradas da Primeira República: *Careta*, *Fon-Fon*, *Ilustração Brasileira*, *Revista da Semana*. A diretora era a Dona Maria Helena Milliet da Costa e Silva, que nos recebia de uma forma muito simpática. Para você ter uma ideia, a gente passava pela sala dela, pegava um crachá, pendurava esse crachá – era um crachá de pesquisador – e subia para a torre.

AE: E vocês iam para a torre tranquilamente...

VS: E ficava lá na torre, não tinha ninguém. Eram outros momentos da cidade, da frequência, do uso da Biblioteca. Era muito tranquilo fazer pesquisa na Mário. Zero de burocracia - a gente pegava o crachá e assinava no livro, de que estava entrando naquele dia, e só. E os funcionários traziam o que a gente precisava. Para facilitar a pesquisa, do ponto de vista físico, a gente ficava no próprio andar em que a coleção estava. Então se a *Careta* estava no décimo quarto andar, ou no décimo quinto andar – eu não vou me lembrar agora – sentava lá em uma mesa e folheava, anotava, marcava, e, quando tinha um lote grande, trazia o fotógrafo, montava o equipamento, fotografava. Zero de burocracia, era uma delícia fazer pesquisa assim.

AE: É, essa coleção *Nosso Século*, ela até hoje é uma referência.

VS: É, eu soube que durante um período – eu não sei se hoje ainda isso se mantém – mas ela era a coleção mais consultada na sala de referência da Biblioteca



Nacional, no Rio. Foi muito bom fazer isso. Primeiro porque se tinha recursos: a Abril apostou nessa coleção, era uma coleção que o Roberto Civita achava que tinha que ser feita. Um dia caiu no colo do Roberto Civita uma coleção americana chamada *This Fabulous Century*, feita pelo *Time-Life*, que é uma história visual dos Estados Unidos, que começava em 1870 e vinha até os anos 1970. Eles fizeram um século. Muito ilustrada. E ele viu aquilo e falou: “Quero fazer uma igual!”. Chamou a Beth, que ele achava que era o perfil da Beth na área de fascículos, a Beth de Fiore.

AE: Ela era jornalista também, era a formação dela?

VS: Ela fez Ciências Sociais na Maria Antonia. O Ottaviano é biólogo de origem, não é? Filho do Barão Ottorino de Fiore, que veio criar o Departamento de Geologia na USP¹, naquela leva de professores estrangeiros contratados no começo da USP. E aí a Beth me chamou, ela me deslocou. Eu estava em uma linha de produção, acho que da *Enciclopédia do Mar, Conhecer*. Na Abril você entrava numa linha de produção e fazia os fascículos mais diferentes, de temas. Ela falou: “Olha, estamos pensando em fazer essa coleção, você topa?”. E eu falei: “Topo. Como é que a gente começa?”. “Olha, você vai passar meses rodando bibliotecas em São Paulo, Rio”.

AE: Você foi para outras bibliotecas, também?

VS: Fui - *Nacional*, andei em Belo Horizonte, Salvador, fui para o Sul para identificar acervos, conhecer acervos de fotógrafos, que tinham os seus arquivos mais ou menos organizados. Então foi uma fase de planejamento dessa coleção que levou mais de ano até se constituir uma redação para produzir os fascículos. Marca a data de lançar o número um e aí você fica amarrado em um cronograma de banca e de gráfica, que era muito rígido.

AE: E quem eram as outras pessoas que participaram dessa pesquisa, você se recorda?

¹ Universidade de São Paulo



VS: Tinha a Vera Galli, que era uma editora de imagem, vamos chamar assim; gente da própria Abril, que foi deslocada para a coleção, consultores: de consultores tinha o Paulo Sérgio Pinheiro, o Alexandre Eulálio; o próprio Sérgio Buarque, às vezes a gente ia à casa dele conversar; o professor Carone, Edgard Carone, o Paulo Duarte...

AE: Eles contribuíram também.

VS: Contribuíam com ideias. Eram muito divertidos esses encontros. Enfim, ficou uma equipe muito coesa que viveu aquela coleção intensamente: a gente ficava lá dias, noites, virava noite, madrugada, fim de semana. Era muito divertido, era muito gratificante produzir. E nisso os arquivos públicos, privados e as bibliotecas foram fundamentais, porque ali era a fonte. O Paulo Duarte, eu me lembro que o Paulo Duarte esteve preso com o meu pai, logo depois do golpe de 1937, e ele fazia muita festa para mim e sempre contava a história que ele e o meu pai tinham ficado juntos no “hotel do estado”, como ele dizia, que era o presídio. Um presídio político, presídio do Paraíso, que ficava na Rua do Paraíso. E eu cheguei a assistir algumas conferências dele na *Mário*, eu era bem moleque, devia ter uns doze anos, treze. Eu me lembro de duas que estão muito vivas na memória: uma conferência sobre sambaquis, que era o tema de pesquisa dele, e outra sobre os índios bororos. E ele trazia filmes, falava; ele era muito divertido, com aquela gravata borboleta – era marca registrada do Paulo Duarte – e eram atividades que aconteciam na *Mário*, sempre, na noite, na minha memória aquilo deveria ser começo de noite, sete horas da noite, sete e meia, naquele auditório.

AE: Essas palestras dele foram quando? Você se recorda de quando aconteceram? Década de 1950?

VS: Não, era sessenta e poucos, já. Provavelmente antes do Golpe Militar... 1960 e poucos, começo dos anos 1960. Isso deve estar nos jornais, ou nas próprias memórias dele, oito ou nove volumes que ele...



Então essa roda era a roda que frequentava a casa do meu pai e que eu tive o privilégio de herdar. Gente que frequentava mais, como o Ottaviano de Fiore e um grupo de jovens trotskistas, que eu vou encontrar mais para a frente; o Paulo Duarte menos, mas de vez em quando eles se encontravam; Edgard Leuenroth, que era um ícone do movimento anarquista, que foi quem dirigiu a greve geral de 1917 e que também era jornalista; o Aristides Lobo, jornalista e militante político.

A *Mário* me ajudou muito nesse período do *Nosso Século*. Eu frequentava a seção de periódicos – os periódicos que estavam lá na *Mário* – menos a seção de periódicos lá da Biblioteca de Santo Amaro, da *Kennedy*. Como o *Nosso Século* era uma história visual, isso dependia muito de revista ilustrada. Lá a gente ia atrás de jornais, mesmo. E já naquela época era muito difícil pesquisar lá, que aquele acervo era um acervo que estava muito abandonado, estava em péssimo estado de conservação. Depois eu voltei, já em meados dos anos 1990, para pesquisar Monteiro Lobato, que Monteiro Lobato virou a minha cachaça.

AE: E o que despertou esse seu vínculo forte com o Monteiro Lobato?

VS: Eu aprendi a ler lendo Lobato. O Lobato era uma figura muito presente. O Lobato foi próximo do meu pai nos anos 1940. Nesse período ele estava na *Folha* e o Lobato era o Lobato, entende? O Lobato tinha sempre o que dizer sobre todos os assuntos, era uma referência. Então os primeiros livros que eu li, livros de texto corrido. A gente lia muito, não tinha televisão. Eu nasci em novembro de 1950, dois meses depois de a Tupi ter sido inaugurada, a TV Tupi é do fim de setembro de 1950. A primeira TV que entrou em casa, eu deveria ter uns quatro, cinco anos. Então a gente lia muito, não tinha TV, não tinha internet, não tinha videogame, então o que você fazia? Você lia. Então o Lobato foi muito presente na minha infância e juventude. Em meados dos anos 1990, eu tinha uma produtora de projetos culturais – se chamava *Empório Brasilis* – e um dia, discutindo com o meu sócio, que era o Paulo César Azevedo, a gente falou: “Poxa, faz tempo que não sai uma boa biografia do Monteiro Lobato”, desde a biografia do Edgard Cavalheiro, que era do começo dos anos 1950.



AE: Ele estava um pouco esquecido.

VS: Esquecido eu não sei, mas faltava uma pesquisa. Então a gente fez um projeto de fotobiografia, nasceu como uma fotobiografia, e depois a gente viu que tinha muito material de texto, que valia a pena fazer o projeto crescer. Num primeiro momento a gente apresentou esse projeto para a *Odebrecht*, que estava lá com os seus recursos para programas de cultura já alocados. O diretor de comunicação falou: “Olha, o projeto é lindo, mas a gente não tem como bancar isso”. Então eu levei esse projeto para a *Editora SENAC*², que estava começando a funcionar aqui em São Paulo. E o Quartim de Moraes, o Alberto Quartim de Moraes que era o editor, era o *publishment*, ficou encantado e falou: “Eu quero, eu faço, eu banco”, e bancou a gente durante um ano – eu fiz um acordo com ele, ele bancou essa pesquisa – fomos bem pagos. A gente tinha recursos e um assunto delicioso. No fim de um ano, a gente viu que não estava pronto ainda - a gente precisava de mais uns seis meses. Voltei ao Quartim e falei: “Quartim, eu quero esticar esse prazo”. Ele disse: “Eu não tenho mais dinheiro”. “Eu não estou pedindo dinheiro, eu quero prazo. Vamos puxar esse cronograma, a gente honra o cronograma e você não precisa pagar a gente”, porque a gente estava tão envolvido com o personagem... Depois, ao fim desses seis meses, o livro estava pronto. Aí eu recebo um telefonema da *Odebrecht* querendo saber o que tinha acontecido com aquele projeto. Eu falei: “Aquele projeto, vocês não quiseram, o projeto já tem dono”. “Como assim?”. “É para o SENAC, ele está entrando em máquina, está entrando na gráfica daqui a um mês”. Aí a *Odebrecht* comprou, para você ter uma ideia, a *Odebrecht* comprou duas edições, ou seja, seis mil exemplares para distribuir dentro de um projeto que eles tinham, chamado *Projeto Memória*. E mais: para nossa alegria, eles tinham mais dinheiro e pediram para gente fazer uma exposição – que foi aquela exposição que nasceu no SESC³ e depois correu o Brasil – um *site*, uma edição facsimilar de alguma obra que a gente considerasse importante, uma cartilha – meio milhão de exemplares de cartilha para distribuir. Era um projeto que a *Odebrecht* compartilhava com a *Fundação Banco do Brasil*, que no ano anterior tinha contemplado Castro

² Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

³ Serviço Social do Comércio



Alves – centenário, sempre, um centenário de nascimento, morte – e que naquele ano, 1998, ia homenagear o Lobato nos cinquenta anos da morte. Então de repente a gente deu certo e não parou mais.

AE: E Vladimir, para a pesquisa desse livro, você recorreu a algum material da Biblioteca?

VS: Ah, sim, tanto da *Mário* quanto da *Kennedy*. Na *Kennedy* eu achei textos perdidos do Lobato, fundamentais.

AE: Originais?

VS: Originais. Porque é aquilo: o Lobato escreveu muito para jornal e revista, então ele ainda tem uma obra dispersa a ser recuperada, com todos os volumes que ele organizou ao longo da vida e a obra completa da Brasiliense – depois de 1946 – até hoje eu encontro coisas novas. Eu inclusive estou fazendo uma recolha disso para um dia juntar, deixar passar essa fase do relançamento da obra adulta e infanto-juvenil para em seguida... Então, ajudou, sim, e muito, desde a Seção de Obras Raras. Aí eu me aproximei do Bruno⁴. No começo a gente tinha uma – o Bruno era o Bruno – aí eu quebrei a resistência do Bruno e ficamos amigos, aí ele começava a me mostrar coisas. Porque era assim, a Seção de Obras Raras era a cidadela do Bruno. Se você passasse pelos portões e pelo fosso cheio de jacarés, tudo bem. Aí ele ia me mostrando coisas, a gente foi trocando informações. Ele passou a me ver como pesquisador sério e ajudou, sim, e muito.

AE: E o que você descobriu lá na Obras Raras?

VS: Ah, documentos...

AE: Do Monteiro Lobato, mesmo?

⁴ Rizio Bruno Sant'Ana, bibliotecário responsável pela Seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade



VS: É, obras autografadas, e pistas - artigos dentro de uma revista rara, raríssima, que o Bruno vinha dizer: “Olha, você conhece isso?” - e muita coisa eu não conhecia. E lá na *Kennedy* eu achei coisas interessantíssimas, coleções de jornais que só existem lá, ou só existiam lá, não sei se de lá para cá – estamos falando de 1997 – se de 1997 para 2008 aqueles jornais acabaram de se desfazer. Era terrível porque você abria e os jornais estavam totalmente ressecados. Quando você terminava a pesquisa, você estava rodeado de pó e de pedacinhos das páginas. Era uma tristeza aquilo.

AE: Agora foi feito um projeto para higienização. Tem coisa que já está perdida, já não têm condições.

VS: Eu me lembro que uma vez a gente foi lá fotografar porque não tinha nem condições, o único jeito de reproduzir um texto era fotograficamente. A gente ligou o equipamento do fotógrafo – era uma caixa de força do *flash* – começou a sair fumaça pelo interruptor. A gente quase que põe fogo no prédio, tivemos que apagar aquilo, desligar naquele momento. A fiação era toda já comprometida, fiação antiga que já não suportava uma carga. Começou a sair fumaça: “Isso vai pegar fogo aqui e com esses jornais todos!”, imagina? - incendiar a Biblioteca Kennedy.

AE: O pouco que resta. E desde então você foi cooptado pelo Monteiro Lobato?

VS: Fui. Eu acho que foi, assim, a melhor coisa que aconteceu na minha vida de pesquisador, foi ter aprofundado esse laço com o Lobato, que aprofundou o laço com a família, tida como encrinqueira, que era uma família muito difícil, e que hoje são amigos pessoais, íntimos - amigo, amigo mesmo. Hoje eu frequento a casa da Joyce – que é a neta dele – e troco e-mails com o marido dela, o Jorge Kornbluh, que é o diretor da *Monteiro Lobato Licenciamentos*. E, sem dúvida, eu acho que esse trabalho que a gente fez em 1997, 1998 – que foi o livro, a exposição, o *site*, e tal – ajudaram a trazer o Lobato para pauta do dia, ajudaram a fazer com que o *Sítio do Picapau Amarelo* voltasse para a televisão, numa versão que pessoalmente eu



não gosto, eu não gostei. Eu gostava da dos anos 1970, da própria Globo, e da primeira versão da Tatiana Belinky, na Tupi. Tatiana, com quem eu conversei muito, é um bom papo sobre Lobato e o *Sítio do Picapau Amarelo*.

AE: E essas edições que estão saindo agora, Vladimir, qual a sua opinião sobre os livros adultos e os infantis?

VS: Eu sou suspeito para falar delas porque eu sou consultor dessa coleção. Eu acho que a Globo está fazendo um grande esforço para colocar esses livros da melhor forma e os livros estão vendendo, os livros vendem. Para você ter uma ideia, hoje nós estamos no final de agosto de 2008, a coleção foi lançada em setembro – 15 de setembro é a data – ela foi lançada na Bienal do Livro do Rio de Janeiro do ano passado. De lá para cá, ou seja, de setembro de 2007 a agosto de 2008, o *Urupês* está indo para a quinta reimpressão. Claro que o *Urupês* é um título conhecido: *Urupês*, *Cidades Mortas* e *Negrinha* são os três títulos mais conhecidos do Lobato – da obra adulta – mas quinta reimpressão significa que está sendo bem recebida. Cada impressão dessas é em torno de três mil volumes, ou seja, vende. Apesar de toda a onda anti Lobato, que diz que o Lobato escreve difícil, que o Lobato é retrógrado, ou que o Lobato é *démodé*, que é inimigo dos modernistas – essas bobagens que vêm sendo ditas desde sempre. Então, estão bem. Os livros infantis estão sendo adotados nas escolas – o Lobato voltou para o currículo – então é uma alegria.

AE: Vladimir, você acha que essa onda de *Harry Potter*, ela entra em conflito com o Monteiro ou eles convivem harmoniosamente?

VS: Convivem. Se no próprio *Sítio do Picapau Amarelo* o Lobato punha o Peter Pan, o Gato Félix e o Tom Mix, ele trazia personagens, punha num espaço onde conviviam Pedrinho, Narizinho, Emília, com o Tom Mix e com a Branca de Neve. Eu acho que o grande mérito do Lobato foi juntar esses personagens, essas fábulas. Eu acho que o Lobato é um fabulista que pode, ele tem o mesmo tamanho, a mesma estatura de um Andersen, de um Grimm. E ele juntou isso e em alguns momentos



ele tropicaliza esses personagens, seja trazendo para o *Sítio*, seja nas suas traduções. O Lobato dizia que traduzir um livro não era fazer tradução literal, você tinha que fazer a ordenação literária do texto. Como tinha talento e sabia fazer, às vezes ele até mexia muito no texto original e era muito criticado por isso. Então você pega as traduções do Mark Twain, por exemplo, o *Tom Sawyer*, o *Hucky*, feitas pelo Lobato, você vai sentir ali que o personagem original do Mark Twain é muito mais parecido com o Pedrinho do que com o personagem original americano.

AE: Ele pôs o dedo dele.

VS: Exatamente. O que ele queria com isso? Aproximar o personagem do leitor, estabelecer uma identificação mais estreita – e dava certo. Tomava uns cacetes pelos tradutores e críticos da época. Fazia isso até com Hemingway. Em alguns momentos o Hemingway, as traduções do Hemingway feitas pelo Lobato, ele vai lá e mexe, copidescava sem o menor pudor. É um clássico, é o nosso clássico.

AE: E foi a partir desse seu trabalho com o Monteiro que surgiu a ideia do saci? Como é que foi?

VS: O saci, no âmbito desse projeto da *Odebrecht*, em 1998, a gente tinha, um dos produtos era a reedição da correspondência do Lobato com o Godofredo Rangel. A do Lobato está publicada. O Lobato e o Rangel trocaram cartas durante 44 anos. É um dos casos únicos de correspondência no país, uma correspondência tão vasta e duradoura. A *Barca de Gleyre* estava com as cartas do Lobato. No começo dos anos 1940 o Lobato propôs ao Rangel a troca das cartas. Ele falou: “Olha, eu te devolvo as suas, você me devolve as minhas”. Aí ele organizou, copidescou, mexeu – ele confessa isso – aquelas cartas não estão no estado bruto. Ele interferiu muito, amenizou temas e figuras, pesou a mão em outras. E a nossa ideia era publicar as cartas do Rangel, fazer o outro lado da *Barca de Gleyre*, talvez espelhando Rangel e Lobato. Só que isso não deu certo, essas cartas estavam com um sujeito que não quis, escondeu, apareceram, sumiram. E a gente tinha verba e um produto editorial que fazia parte do projeto. Daí eu pensei em recuperar o *Saci Pererê: Resultado de*



um *Inquérito*, que é o primeiro livro do Lobato, primeira experiência do Lobato editor; é um livro que antecede *Urupês* – *Urupês* é tido como a estreia do Lobato na literatura, como sendo o primeiro livro dele e não era, o *Saci* era anterior, de alguns meses, mas era anterior – e então a gente fez o *Inquérito*, e nessa leitura mais a fundo do *Inquérito* você vai descobrir que o saci é o pretexto para o Lobato discutir identidade nacional. E no meio daquela elite intelectual francófila do tempo dele, que tinha Paris como meta, o Lobato traz aquele mito brasileiro sem perna, negro, e diz o seguinte: “Olha, que modelo de civilização é esse!” – estamos em 1917, em uma das piores fases da Primeira Guerra, com as armas de destruição em massa, extermínio, gás de mostarda sendo testados em campo de batalha – fala: “Que modelo é esse de civilização?”.

AE: Olha, que visionário que ele era...

VS: Bom, daí a gente conseguiu naquela rubrica do projeto, fazer cinco mil exemplares do *Inquérito*, numa edição facsimilar. A gente colocou um texto explicando o livro e só, o resto era o livro tal qual, no formato dele, com a capa do Wasth Rodrigues, original. E parece que ele foi distribuído, era uma edição facsimilar fora do comércio. Como naquela altura havia uma briga entre a *Brasiliense* e a família, a saída que a gente encontrou, consultando um advogado de direitos autorais, foi por colocar uma edição fora do comércio. E essa edição foi distribuída para bibliotecas e pesquisadores. E aí estão as origens da *Sosaci*. No momento em que, é a mesma coisa, a gente teve um surto lobatiano e a gente criou uma entidade para discutir, de novo, a identidade nacional, discutir geopolítica, quando a gente percebeu, as bruxas do Halloween estavam invadindo a nossa praia, as nossas escolas – e mais: na rede pública, o que é mais assustador. Então foi essa nossa cruzada pelo saci e ela é inspirada pelo Lobato. O Lobato foi o nosso saciólogo maior, como a gente diz.

AE: E até hoje a *Sosaci*...

VS: Ela está aí, está viva e atuante.



AE: Em São Luiz do Paraitinga?

VS: Em São Luiz do Paraitinga tem sempre as Festas do Saci, Festa do Folclore. Ano passado a gente montou uma exposição no Museu Afro, que é uma ideia do Emanuel Araújo. Ele falou: “Olha, precisamos trazer o saci para cá”. Aí no ano passado eu fui lá e falei: “Emanuel, e aí, tem espaço no museu? Vamos?”. Fizemos uma exposição que foi planejada para ser uma exposição temporária, ficar três meses. Está lá até hoje. O Emanuel não quer desmontar. Estão lá os sacis e é muito visitada, tem gente que vai ao museu para ver a exposição do saci e acaba visitando o museu. Então neste ano agora, 31 de outubro – que é o dia do saci – a gente vai fazer uma festa. Não vai ser no dia 31, porque é uma sexta-feira, vai ser no dia primeiro, o dia do Saci no Ibirapuera, com música. Espetáculo!

AE: E Vladimir, você também publicou uma fotobiografia sobre o Carlos Marighella. E eu queria que você também contasse um pouquinho sobre essa experiência, dessa pesquisa.

VS: Bom, o Marighella... eu faço parte de um grupo informal de resgate da memória do Marighella. Esse grupo é muito inspirado e tocado pela Clara Charf, que é a viúva dele, companheira. E desde o final dos 1980 a gente está recolhendo material e a gente vai fazendo exposições, eventos, atividades, em algumas datas: quatro de novembro, que é a data do assassinato dele, aqui na Alameda Casa Branca; em maio, quando ele toma aquele tiro no cinema do Rio, em 1964, depois do golpe. Em 1999 a gente fez uma grande exposição no Memorial da América Latina. Era presidente do Memorial o Fábio Magalhães e a gente foi lá, propusemos uma exposição e ele topou. Surpreendentemente abriu o *Memorial* para um assunto que é um assunto delicado, certo? Foi uma atitude corajosa dele. A gente montou aquela exposição, fruto dessa pesquisa que foi sendo acumulada. O Marighella é outro que a gente vai encontrando ao longo dessa...

AE: É uma figura também, que envolve...



VS: Emblemática. E é importante, quando você coloca o Marighella, que era o inimigo público número um da ditadura e assassinado do jeito que ele foi – como um cão, foi eliminado – você está discutindo os limites da resistência à ditadura. Quando a gente fez a exposição, reclamavam muito da falta de um catálogo: “Cadê o catálogo? Por que vocês não fazem um catálogo?”. Então o que a gente fez? - nos trancamos durante três dias na casa do Maringoni, do Gilberto Maringoni, e editamos aquele livro em três dias, na tela do computador, e o livro foi editado pela Editora da Fundação Perseu Abramo. Ele foi apropriado pelo MST⁵, até cobrei isso do João Pedro Stedile – meu amigo – eu falei: “Como é que vocês pirateiam assim, o livro?”. Eles pegaram o livro, piratearam e fizeram uma edição MST, porque o Marighella é um dos ícones do movimento, também. Então esse trabalho se multiplicou e chegou nos assentamentos e acampamentos mais longínquos do país.

AE: Que ótimo!

VS: Antes disso eu tinha feito um livro, chamado *PCB: memória fotográfica*, que é uma história fotográfica do Partido Comunista. Eram cinco autores, dois do Partido, três de fora. Eu estava de fora, não tinha nada a ver com o Partido. Aliás, muito pelo contrário, por conta dos choques do Partido com o meu pai, trotskista, e com o fato do Jorge Amado ter criado um personagem no *Subterrâneo da Liberdade*, que se chama Abelardo Saquila – não à toa. Eu fico com o pé atrás. Discuti esse projeto e a gente conseguiu chegar, naquele momento, a uma história da esquerda. O eixo do livro é o Partido Comunista, mas se discutiu lá, com eles – com o Partido, com a direção – e é o seguinte: “Olha, ao contrário do que vocês dizem, com essa história de unidade na luta, é uma história de fraturas e crises”. Crises criativas, eu acho muito... É uma discussão política fora daquela concepção rígida - partido leninista-stalinista. “Os dissidentes todos tem que ser recuperados, desde o primeiro que vocês expulsaram, se vocês toparem assim, eu participo desse grupo”. Criamos um grupo de trabalho e fizemos o livro que recupera visualmente a história das esquerdas. Esse livro foi editado pela *Brasiliense*, quando o Partido Comunista fez

⁵ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra



sessenta anos e quando os comunistas estavam tentando se legalizar. Então foi um instrumento de divulgação. O Partido era ilegal, a direção existia debaixo de um guarda-chuva chamado Coletivo Nacional dos Dirigentes Comunistas, que era o chamado Comitê Central. E no dia do lançamento, um dos autores estava preso, porque estava acontecendo um congresso clandestino atrás da *Mário*, naquele prédio da *General Seguros*, eles tinham um “aparelhão” em cima, no último andar, então estavam fazendo o congresso e foram todos presos. E um dos autores estava preso, foi solto à noite para o lançamento do livro. A gente não começava o lançamento enquanto o José Paulo Neto, que era um professor que foi da PUC⁶; hoje ele está dando aula no Rio... Era um mineiro que era um “capa preta” do Partido. Um ótimo sujeito, que fazia interface com a direção.

Então, também, esse contato com o Marighella vem daí, além das coisas que eu ouvia. O Marighella e o meu pai brigaram muito, lá na década de 1930, final da década de 1930, e depois acabaram se reencontrando na luta armada, entre 1968 e 1969, eles se reaproximaram. O Jacob Gorender conta essa história no *Combate das Trevas*. O Jacob que passou anos fazendo pesquisa na Mário de Andrade. Naquele período, ele passou clandestino. Aliás, a Mário abrigou muitos intelectuais que estavam perseguidos, clandestinos e tal, era um espaço de pesquisa, reflexão. Isso é interessante na história da Biblioteca, isso deve ter aparecido já, em outros depoimentos.

AE: Ela aglutinava antes do Regime Militar, e mesmo depois, quer dizer, durante a ditadura, mesmo depois, ainda, era...

VS: Gente que ia lá como consulente. Cidadãos que entravam, provavelmente com documentação falsa, porque estavam sendo perseguidos pela polícia política. Antes, a Mário foi um espaço de muito debate político. O Maurício Tragtenberg fala muito. E era um espaço de estudo, também. Havia aqueles grupos de estudo que se reuniam na Biblioteca.

AE: Seu pai chegou a frequentar?

⁶ Pontifícia Universidade Católica



VS: Frequentava. Não ativamente porque ele tinha atividade de jornalista e é uma atividade que ocupa muito tempo. O Florestan me falava muito da Biblioteca, o Octávio Ianni também. O Florestan, com quem eu trabalhei dez anos, diariamente, ele falava. O Antonio Candido lembra que às vezes eles saíam juntos do prédio do Caetano de Campos, onde ficava a USP, onde ficava o Departamento de Ciências Sociais antes da Maria Antonia, e que eles saíam, os dois, à pé, e que ele – Antonio Candido – ia para casa, e o Florestan ia para a Biblioteca e ia estudar. E se enfiava lá e ficava. Eu não sei se tem registro disso, alguma ficha de consulente dele. Ele estudou muito, passou horas e horas e horas.

AE: E como era essa relação que você desenvolveu com o Florestan?

VS: Bom, o Florestan também, eu o conhecia desde sempre. Em 1985, 1986, a gente formou um grupo para fazer a campanha dele para deputado federal constituinte. Foi uma experiência interessante, porque a gente não tinha um tostão, não tinha nada, não tinha recursos, era uma candidatura que o PT⁷ via como de extrema esquerda e tal. A gente tinha um aliado importante que foi o Zé Dirceu, que tinha interesse naquela candidatura porque ele estava interessado na dobrada Florestan federal e ele estadual, que era uma dobradinha imbatível para entrar no meio universitário. O Zé nos ajudou muito com a experiência dele, ajudou a montar um comitê e era a nossa dobrada prioritária. E o Florestan era muito engraçado. Ele topava participar de todos os eventos e escrever todos os textos que lhe pediam e depois vinham as outras dobradas. Ele estava sempre aberto a sentar, discutir. Nunca aceitou doações de empresas e coisas. Para você ter uma ideia, a gente não tinha um tostão – era uma campanha pobre, pobre – um dia chega uma empresa de informática querendo nos dar computadores, impressoras, e tal, e a gente ia consultar o Florestan. Ele falou: “O que eles querem em troca?”. “Ah, eles querem em troca a defesa da reserva de mercado de informática, na Constituinte”. Aí ele falou: “Olha, de jeito nenhum, isso é uma bandeira que eu vou precisar defender, ou não, mas vocês estão proibidos de aceitar esse tipo de coisa porque se não a gente

⁷ Partido dos Trabalhadores



vai ficar com o rabo preso”. Então era uma campanha muito ética e sem dinheiro. Ele foi eleito, eu acho que foi o que menos gastou dinheiro. E tem o fato interessante que vale a pena lembrar: acaba a campanha, vem a eleição, ele está eleito. Um dia eu recebo um telefonema do Antonio Candido – hoje eu posso contar essa história porque o tempo passou e o próprio Antonio Candido autoriza a divulgação – ele me liga e diz o seguinte: “Vladimir, quanto é que vocês estão devendo?”. Eu falei: “Ah, professor, não tenho esse número agora na ponta da língua, mas eu posso descobrir”. “Então descubra e me diga até amanhã”. Eu falei: “Está bom”. Aí, fomos lá ver as dívidas, as dívidas estavam em torno de “dez mil reais”, era uma bobagem, perto do que se gastava numa campanha. Equivalia, mais ou menos, a um carro popular, na época, um fusca. Aí eu ligo para o Antonio Candido e digo: “Olha, 9.528,32.” Ele falou: “Você pode passar aqui?”. E eu falei: “Posso”. Fui à casa dele, ele morava ainda lá na Rua [8], que era uma travessinha do que viria a ser a nova Faria Lima, Vila Olímpia, ele morava em uma vilinha, uma casa muito agradável. Chego lá, ele está com um *hobby* de chambre de seda, me fez entrar, sentar, tomamos vinho do porto, ficamos conversando horas. Ele me contando as histórias de quando ele era crítico da *Folha*, nos anos 1940 e o meu pai era secretário de redação e, no fim da conversa, ele pega e me dá um envelopinho. Eu falei: “Dá licença?”, abri um envelopinho e tinha um cheque naquele valor da nossa dívida. Eu falei: “O que é isso? O senhor é um intelectual, o senhor não é um empresário, banqueiro, que tem dinheiro sobrando”. Ele falou: “Não, não se preocupe porque esse dinheiro veio de um prêmio que eu ganhei” – acho que era o Prêmio Moinho Santista – “então está fora do meu orçamento. E eu quero deixar vocês em paz, agora é a hora de pagar essas dívidas e pensar no mandato do Florestan. Então vocês não podem ficar preocupados em fazer evento, rifa, festa para precisar pagar essa dívida. Eu prefiro, como irmão do Florestan, como socialista”. Eu fiquei mudo. “E tem mais: vocês não podem divulgar isso para ninguém, só para o Florestan”. “Bom, eu vou sair daqui agora e vou à casa dele”. “Só para ele e para a família, e eu peço que vocês sejam discretos”. Aquele jeito dele “Antonio Candido de ser”. Bom, o Florestan foi às lágrimas, ficou tão emocionado, ligou para ele. Imagina, eleger o Florestan e ter esse desfecho, ainda. E depois a gente fez a segunda campanha

⁸ Inaudível



para o Florestan. O Florestan já estava doente, já estava com o problema hepático dele, quando se colocou a possibilidade de uma nova campanha. A gente achava que ele não ia aguentar o tranco, porque ele estava muito fragilizado, mas fez, ganhou de novo. Foi uma campanha mais difícil, porque aí a gente não tinha o Zé Dirceu como parceiro e aliado, o Zé disputava também uma cadeira em Brasília. Então, o Florestan não entendia muito das coisas que aconteciam – e a gente até poupava-o dos bastidores, das sabotagens. Eu não estou dizendo que o Zé Dirceu nos sabotava, mas jogava contra. Mas acabou sendo eleito de novo e cumpriu mais quatro anos. Era um deputado muito assíduo. E nesse período eu, no segundo mandato, eu me tornei assessor parlamentar dele. Eu tinha um vínculo orgânico com o gabinete. No primeiro não, eu não quis, estava fora, estava fazendo outras coisas, mas nesse segundo ele me chamou e disse: “Não, você vai ser o meu assessor parlamentar”. E eu ficava em São Paulo, a minha base era em São Paulo, eu cuidava das coisas dele aqui. E foi difícil, mas ele cumpriu. Eu cuidava da coluna dele na *Folha*. O Florestan escrevia a coluna dele em papel, em lauda de jornal, e escrevia à máquina, não usava computador. Eu fazia uma formatação da coluna e propunha a ele pequenas alterações. Tinha uma brincadeira que a gente fazia, eu lia o texto e, às vezes, vinha uma coluna muito difícil para o leitor médio da *Folha*, aí eu ligava para ele e dizia: “Professor, quem é que estava falando aqui, é o Durkheim ou é o Lênin?”. Ele dizia: “Gostaria que fosse o Lênin”. “Então tá, a gente precisa baixar a bola e explicar alguns conceitos.”. “Você é pior do que o seu pai. O seu pai gostava de mexer nos meus textos, você também”. Eu falei: “Não professor, o pobre leitor precisa, para ler essa sua coluna de hoje, ele precisa ter no mínimo um mestrado em ciência política para entender”. Era uma relação muito franca e muito generosa. As pessoas diziam: “Imagina, copidescar o Florestan”. E, às vezes, ele estava fora, estava doente, não podia e eu dava umas mexidas, poucas. Eu não era editor do texto dele, não é isso, vamos deixar claro que eram só pequenas... Aí segunda-feira a coluna estava publicada, na página dois da *Folha*, o Florestan me ligava e dizia: “Puxa, você me fez mais radical do que eu já sou”. “Mas isso é bom ou é ruim?”. “Não, isso é bom, isso é bom!”. Sempre muito generoso, o Florestan era uma figura...



Depois veio aquele transplante horroroso. E eu ainda me meti na pós-morte do Florestan, que foi mais de um ano e meio de denúncia dos procedimentos, do lado ético médico. Foi uma briga muito dura, muito difícil.

AE: E você pretende fazer alguma publicação do Florestan?

VS: O Florestan, sabe, eu fiz algumas coisas para a *Editores Expressão Popular*, que é uma editora ligada ao *Movimento dos Sem Terra*; eu faço trabalho voluntário lá na *Escola Nacional Florestan Fernandes*, que tem lá o Florestan como reitor e inspirador; fiz alguns prefácios, orelha, contracapa, juntei material; até o momento em que eu peguei essa documentação toda e depusitei lá em São Carlos, na Biblioteca Comunitária de São Carlos, que tem uma sala especial onde está a biblioteca do Florestan e o arquivo dele. Meses depois da morte dele, abriu-se a discussão do que fazer com a biblioteca. Existia a possibilidade de ela ir para a USP – se ela fosse para a USP ela seria dissolvida dentro da biblioteca da FFLCH⁹ – quando veio o reitor de São Carlos, que é o Newton Lima Neto, que é o atual prefeito da cidade, um educador, ligado ao Florestan, gostava muito do Florestan, que conseguiu recursos, comprou a biblioteca, comprou o arquivo. Essa biblioteca funcionava na Teixeira da Silva, esquina com a Alameda Santos, que era um apartamento que o Florestan comprou para abrigar a biblioteca e para ficar como gabinete de trabalho, ele achava que ia continuar trabalhando, fazendo encontros políticos ali, círculos de discussão política, teórica. Ele não resistiu, ele foi até organizar essa biblioteca. Ele organizou, a gente trabalhava com ele na organização todo sábado e domingo. Você imagina, ele vinha de Brasília, já muito doente, fragilizado, todo sábado a gente ia para a biblioteca para organizar. E organizamos. Quando essa biblioteca estava para ser transferida para São Carlos, eu falei com o Newtão, Newton Lima Neto, falei: “Newtão, é o seguinte, eu vou te fazer uma proposta, mas as suas bibliotecárias vão querer me matar, mas é interessante transferir essa biblioteca do jeito que ela está, ou seja, pegar essas estantes, prateleiras, porque essa organização é a organização que o Florestan deu à biblioteca. É a cabeça dele. Eu sei que isso vai dar um trabalho do cão, porque tem

⁹ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.



que mapear todas as...”. Porque eram três ou quatro quartos, a sala desse apartamento, era um apartamento de planta antiga, mas estava organizada, segundo a ordem do Florestan. E aí a gente fez uma reunião com as bibliotecárias, elas ficaram furiosas. Eu falei: “Não, vocês têm que transferir assim, e depois cataloga, joga na base do jeito que tem que ser, mas deixa assim”. Com a localização como é a biblioteca do Mindlin: cada livro ali tem uma bandeirinha dentro, de papel, que você tira ali e depois devolve. Não é uma biblioteca organizada dentro dos padrões científicos, rigorosos da biblioteconomia. Então foi uma trabalhadeira tirar cada livro, de cada estante, de cada prateleira, e transferir. Transferir para lá, hoje você vai a São Carlos, a biblioteca está lá, tem o cheiro da biblioteca original.

AE: É mesmo? E está do jeito que vocês pediram que...

VS: Está. E tem o trabalho de preservação e tem o trabalho que não parou até hoje, que eles estão organizando a parte do arquivo. São fichas de leitura, cartas, documentos originais dele, dos livros, edições anotadas com a marginália dele, pedindo inclusive revisão. Então está lá, preservada, e é muito consultada. Vem gente de fora, até de fora do país, e fica...

AE: E é a prefeitura que cuida?

VS: Não, é a Federal de São Carlos. A Biblioteca Comunitária está... O Florestan é vizinho do Luiz Martins, lá. O Luiz Martins tem uma sala especial lá também. Mas é uma sala aberta, você pode... Claro que tem alguns cuidados na consulta e no manuseio, mas está aberta para os pesquisadores, para quem...

AE: E Vladimir, voltando para a Biblioteca Mário de Andrade, você chegou a frequentá-la recentemente para fazer pesquisas, ou...

VS: É, a Biblioteca teve bons momentos e maus momentos. Aquele período, assim, que eu achei desastroso da gestão do Rodolfo Konder, ela foi sucateada,



abandonada, uma coisa horrorosa. Ele, Rodolfo Konder, que quando pode fala do compromisso dele com a leitura e, no fim, foi um secretário que abandonou - a Biblioteca ficou uma sucata e era difícil pesquisar ali, era difícil usar uma xerox, era difícil usar a seção de microfilmes, era tudo difícil. A gestão da Marilena Chauí foi um bom momento da Biblioteca, foi um respiro, com aquisição de títulos e tal. Para quem mora em São Paulo, para quem pesquisa em São Paulo, a *Mário* é fundamental. Agora, então, com essa perspectiva da reforma, isso é uma maravilha. Então, eu estou sempre voltando para cá, seja para a Seção de Raros, seja para a coleção geral, a seção de iconografia e artes, estou sempre bebendo nas águas da Mário de Andrade, acho uma biblioteca excepcional. E foi sendo profissionalizada, acho que o atendimento melhorou muito, embora os velhos funcionários eram fantásticos. Outro dia eu encontrei o “seu” Efigênio. Encontrei o Efigênio e a gente conversou, riu muito: “Você lembra que a gente ia para a torre?”. E ele dizia: “Claro!”. Você imagina a relação de confiança, deixar um pesquisador subir e ficar sozinho. Então, eu volto sempre e vou voltar sempre para a *Mário* porque é fundamental. E é um acervo maravilhoso, tem sempre algo a ser descoberto nessa Biblioteca.

AE: Tem alguma coisa que você se lembra de ter sido: “Nossa, isso é incrível, sensacional!”, alguma preciosidade?

VS: Eu achei documentos sobre o Lobato e livros ali que foram fundamentais, que eu ficava muito feliz pela descoberta. E também outros. Eu achei, como eu disse a você, textos perdidos, que eram textos fundamentais para entender, por exemplo, a relação do Lobato com o Movimento Modernista: o chamado embate, a chamada ruptura que não houve, que era o debate, o debate das ideias, não era nada mais que isso, mas que a crítica de recorte modernista escondeu, que os biógrafos do Mário de Andrade esconderam. Então, a *Mário* me ajudou muito, para o *Nosso Século* ajudou muito. Essas revistas ilustradas da chamada República Velha estão lá e muitas delas foram retiradas da seção de periódicos e viraram raros. E tinha que ser isso mesmo, para preservar. Os microfilmes ajudaram muito, também. Hoje eu nem sei qual é o estado da seção de microfilmes, mas ela tem que ser modernizada.



AE: E que propostas você conseguiria elencar, algumas coisas que seriam fundamentais para a Biblioteca retomar essa posição de instituição fundamental de pesquisa, de polo?

VS: Eu acho que facilitar a vida do pesquisador é importante. Eu não estou pedindo um tratamento diferenciado, que prejudica o tratamento que deva ser dado a qualquer cidadão, mas facilitar a vida, reativar as cabines de pesquisa, que é importante isso. É claro que você tem que se qualificar e explicar, fazer por merecer esse tratamento. Achar uma forma de ampliar os horários, de tornar os horários mais viáveis. Eu acho que é isso, basicamente é isso. Ter sempre uma política de aquisição de títulos. Que mais? Colocar os equipamentos de reprografia, equipamentos bons, equipamentos modernos, para o pesquisador sair com o fruto da pesquisa em um prazo curto; facilitar as coisas. Acabar com essa burocracia que só emperra e engessa o trabalho de quem...

AE: E acaba indo procurar em outros lugares, às vezes. Ou desiste mesmo.

VS: É. Quando está aqui, você pode... E também, recuperar de alguma forma a Mário de Andrade como um espaço de debate, discussão, fazer eventos, conferências, cinema, ampliar as atividades. Ter um bom *site* no ar é fundamental, divulgar esse acervo, como a Biblioteca do Congresso americano faz – estou dando um exemplo – os sonhos, mas os sonhos todos são realizáveis, desde que você tenha recursos. Hoje em dia existem formas de se buscar esses recursos, no Banco Mundial.

AE: Você acha que o fato da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ter se transformado numa fundação foi fundamental para ela readquirir...

VS: Olha, eu não posso avaliar, eu não tenho elementos. Tudo o que é possível fazer, sem tirar do Estado as suas funções de controle, gestão e tal, você tem que fazer. Eu presido a Associação dos Amigos do Arquivo do Estado. A Associação dos



Amigos do Arquivo do Estado é uma forma de você abrir um caminho de viabilizar projetos do próprio Arquivo. Discutiu-se na época que era uma tentativa de privatização do Arquivo, isso é uma bobagem, não é isso. O Arquivo é o Arquivo, as funções cartoriais dele estão preservadas. Mas ter o Arquivo como casa da memória, que de repente tem que ser viabilizada por uma associação de amigos transparente, aberta, inclusive sob vigilância e controle do Ministério Público para haver uma... Mas que facilite essa interface com o pesquisador.

AE: A Associação é desde quando, que tem...

VS: A Associação é dos anos 1980, final dos 1980.

AE: E desde então ela tem tido uma continuidade?

VS: Tem. Hoje a gente está vivendo um bom momento. Aquela crise crônica do Arquivo do Estado foi superada. O Arquivo saiu da Cultura e hoje ele está na Casa Civil, houve uma mudança. E na Cultura ele sempre foi uma instituição abandonada, porque o Arquivo do Estado não rende dividendos políticos, certo? Para o senso comum, é um lugar onde você tem pilhas e pilhas de papel, e velho, que não servem para nada, quando a gente sabe que não é assim. É um arquivo importantíssimo, tem um acervo maravilhoso. Mas essa saída ajudou muito, a gente conseguiu superar os problemas dos funcionários, que eram totalmente irregulares; eram feitos aqueles termos de ajuste de conduta e refeitos e refeitos; o Ministério Público ameaçando fechar o Arquivo. Hoje isso está totalmente superado. Tem planos ambiciosos, até de construir um prédio de dez andares ali para ampliar o arquivo e ampliar o espaço para receber documentos.

AE: Já fiz muita pesquisa lá.

VS: Você? E é muito concorrido. Então eu acho que a *Mário* tem que continuar com a sua vocação de atender o cidadão, o pesquisador. E olha: o pesquisador, desde o menino de ginásio da escola, seja da região do centro da cidade, aquela



comunidade em torno dela; como até o pesquisador da academia. Talvez uma... Eu não sei, isso teria que ser pensado, um esquema de monitoria, sabe, de ter um... Coisa que a USP, na USP existia, aquele – eu não sei como é que está isso hoje – o CAPH, o Centro de Apoio à Pesquisa em História, que tinha lá, a Miriam Maria Leite ficava lá como apoio, ajudando os pesquisadores. Você senta com o pesquisador e dá algumas pistas, ajuda, introduz esse pesquisador na instituição e nos meandros da instituição. Quando ele chega lá ele não conhece o que tem, as possibilidades, entende?

Eu sou um pesquisador não-acadêmico, eu digo que eu sou *off-academia*. Então eu, muito mais, trabalho com uma pesquisa jornalística, uma pesquisa de comunicador, sem seguir roteiros da academia, muito pelo contrário. Mas tanto alguém com o meu perfil, como um pesquisador acadêmico, ele tem que conhecer a instituição. É mais ou menos o que eu... Eu visitei bibliotecas mundo afora. A *British Library*, você chega lá, você conhece a biblioteca, você tem uma visita guiada e aí se você é um pesquisador que está atrás de determinados documentos, livros e tal, você tem que fazer um pedido. E de repente eles descobrem que: “Ah, isso aqui não está aqui, está lá, não é essa a biblioteca mais adequada para te atender”. Sofisticar um pouco essa interface com o consultante, facilitar o acesso aos bancos de dados, colocar máquinas que sejam rápidas e programas inteligentes que funcionem, como devem ser as bibliotecas. porque se não vira um elefante branco.

AE: Vladimir, para a gente começar a encerrar, a gente tem uma pergunta, que a gente costuma fazer para os nossos depoentes, que é relativa às leituras que o acompanham. Então você tem algum livro que você ainda revisita, que está na sua cabeceira e não sai, que você recomenda a todo mundo?

VS: Bom, eu tenho um livro que eu leio sempre, que eu abro como os espíritos abrem o *Livro dos Espíritos*, do Kardec, em qualquer página, e acham qualquer coisa interessante, que é a *Barca de Gleyre*, do Lobato, que eu acho uma obra fundamental, que é exatamente a troca de cartas dele com o Rangel, onde ele fala de todos os assuntos: fala de literatura, fala de Brasil, fala de projetos, utopias e da reforma do mundo, da natureza. Então é um livro que está sempre ali.



AE: Um inspirador.

VS: É, eu estou sempre descobrindo coisas novas. Eu gosto muito de ler cartas, a chamada epistolografia. E literatura em geral, literatura brasileira, Machado de Assis. Mas, literatura mais contemporânea, eu estou sempre fuçando muito, por conta do meu trabalho.

AE: Um pesquisador de fato.

VS: Essa produção de pesquisa histórica, eu tenho um especial interesse em história da República: Primeira República, Segunda República; história das esquerdas e dos movimentos sociais; então está sempre saindo uma coisa nova que eu preciso, de alguma forma, ter contato. Agora, o Lobato é a minha cachaça. É a minha leitura de sempre. Eu gosto muito de obra de referência, ficar olhando, fuçando e sempre descobrindo. Gosto muito de índices de revistas, que coisa maluca: precisa pegar o volume do índice de uma revista da Mário de Andrade, eu vou parar e vou ler todinho esse índice, vou marcar algumas coisas, e um dia ir atrás desse exemplar.

AE: E Vladimir, tem alguma coisa que você ainda queira colocar, que eu não te perguntei, que...

VS: Eu não sei se esse depoimento vai ter alguma utilidade, porque eu espero que tenha atingido as expectativas de vocês. Eu queria agradecer muito por estar aqui. Eu acho que é um dever, eu acho que eu, como cidadão paulistano, frequentador da *Mário* em vários momentos e por vários motivos, eu fico muito feliz de poder contar um pouco dessa minha ligação, que é muito pessoal, eu acho que cada um tem a sua ligação com a Biblioteca. Eu acho que é um símbolo da cidade, tem que ser muito preservada, cuidada. E esse processo de reforma me deixa muito feliz, porque ela foi sendo sucateada, ela foi sendo, por várias razões, desde as razões perversas de um secretário como o Rodolfo Konder, a outras razões como falta de recursos,



prioridades da administração pública. Agora tem muita gente séria, a *Mário* tem uma história interessantíssima, você pensar em um Sérgio Milliet; assim como pensar numa Chauí, numa Marilena; pensar na Dona Maria Helena da Costa e Silva, que era uma diretora de biblioteca que levava aquilo a sério, sem ter nenhuma veleidade intelectual. Não era um Sérgio Milliet – ela é sobrinha do Sérgio, não é? - ela tem alguma ligação, mas, sabe, gente boa. Figuras como o “seu” Efigênio, que era um funcionário que atendia com a maior boa vontade. Não era aquele funcionário público que tinha raiva do cidadão ao pedir qualquer coisa porque não estava com vontade de trabalhar. Não, estava sempre disposto. Então ele ia, subia, descia, subia, descia. Olha, eu pedia muita coisa para ele e ele sempre me atendeu. Tem nomes, eu estou citando nomes, estes nomes simbolizam uma postura diante do cliente da Biblioteca, do consulente. A Rita, lá do microfilme. Gente que se virava com a falta de recursos, a falta de equipamentos, equipamento quebrado, para resolver o teu problema, para te ajudar, e aí vai. Quem mais que eu posso lembrar? Tem funcionários anônimos, funcionários públicos que levavam a sério estar lá. Acho que é isso.

Longa vida à Mário de Andrade! Tem que ficar mais aí, na cidade - bonita, prédio bonito, bem cuidado, iluminada, a sala de leitura. Naquele período do Konder nem luz a sala de leitura tinha. Não sei se você sabe disso, se alguém tocou neste assunto. Você vai dizer: “Bom, você tem algum problema pessoal com o Rodolfo”. Tenho! - político e de atitude. Foi um secretário de cultura muito perverso.

AE: É, com uma gestão de Maluf e Pitta, fica complicado.

VS: Pois é. Eu vejo o que os funcionários da Monteiro Lobato fazem para atender aquelas crianças e a comunidade. É um trabalho heróico. A Rita, que é a diretora lá da Monteiro Lobato, ela é meio mãe daquelas crianças, é impressionante. Eu vou muito lá porque o acervo do Lobato está lá e é uma base da Sociedade dos Observadores de Saci, um espaço de reunião, a gente se reúne muito lá. Então é gente que leva a sério isso e é bacana você viver essa experiência. E acho que a *Mário* está... Essa reforma acaba no ano que vem?



AE: No ano que vem.

VS: Então ela vai voltar a ocupar o seu lugar na cidade.

AE: É o que todos estamos desejando.

VS: Eu queria agradecer muito pelo convite. Espero ter deixado aí um pouco da minha experiência.

AE: Então muito obrigada, Vladimir!

VS: Eu é que agradeço!

AE: Espero que você volte várias vezes.

VS: Está bom, volto sim. Estou à disposição de vocês.

AE: OK, muito obrigada!

